



INSTITUTO CAMÕES BUCARESTE

CRONICANDO EM BUCARESTE 2

SÓNIA DIAS MENDES (ORG.)

bucareste 2019

DADOS DE CATALOGAÇÃO BIBLIOGRÁFICA: MENDES, S.D. (ORG.) (2019). *CRONICANDO EM BUCARESTE 2*. BUCARESTE: CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES BUCARESTE.

TÍTULO: CRONICANDO EM BUCARESTE 2

ORGANIZAÇÃO: SÓNIA DIAS MENDES

EDIÇÃO: CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES BUCARESTE

DATA: NOVEMBRO 2019

LOCAL: BUCARESTE, ROMÉLIA

CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES BUCARESTE

STRADA EDGAR QUINET NR. 5-7, COD 010017, SECTOR 1, BUCARESTE

DESIGN GRÁFICO: SÓNIA DIAS MENDES, 2019

FOTOGRAFIA: STEVE JOHNSON | WHITE AND MULTICOLORED ILLUSTRATION | WWW.PEXELS.COM

EDIÇÃO FINANCIADA POR:

CAMÕES, INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA, I.P.

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS PORTUGAL

WWW.INSTITUTO-CAMOES.PT



ÍNDICE

Preâmbulo MELANIA STANCU_____	3
Sexta-feira negra ALEXANDRA NICHITA_____	4
Saudades de Ireneia ALEXANDRA NICHITA_____	6
Do you speak English? ANA-MARIA MANEA_____	8
Saudades de Ireneia ANA-MARIA MANEA_____	10
Resoluções de Ano Novo ANCA PETRACHE_____	11
Saudades de Ireneia ANCA PETRACHE_____	13
O pequeno início de uma grande viagem CRISTINA SURDU_____	14
Saudades de Ireneia CRISTINA SURDU_____	16
O herói DIANA PAȘCU_____	18
Para sempre Natal FLORENTINA MACAVEI_____	20
Saudades de Ireneia FLORENTINA MACAVEI_____	22
Imagem no espelho OANA BUZEA_____	24
Saudades de Ireneia OANA BUZEA_____	26
O dia de Natal ROBERTA PETROIAȘ_____	27
Nota da Organizadora SÓNIA DIAS MENDES_____	28

PREÁMBULO

La prosa breve – como el relato, el cuento o el micro-relato – son, en palabras de Flannery O'Connor, formas concisas de contar lo que no se podría contar de otra manera, por tanto, cada palabra es importante para llegar a decir lo que uno se propone.

La crónica, a medio camino entre la literatura y la non-ficción, parte desde la experiencia y se centra con precisión y fina observación en una multitud de aspectos de la vida que despiertan su atención. Injustamente considerados asuntos menores, las experiencias referidas por la crónica superan el mero nivel anecdótico y llegan a indagar en cuestiones mucho más profundas del alma humana. En lo cotidiano y lo banal volvemos la mirada hacia los valores que guían nuestras vidas, que nos acercan a los demás, creando lazos duraderos. La crónica nos descubre cómo nuestras emociones versan sobre los seres de nuestro entorno, a la vez que se relacionan con ciertos lugares, objetos, pequeños detalles de nuestra vida para echar raíces en nuestra memoria.

Los textos del presente volumen nos enseñan la capacidad de nuestra memoria de volver a hacernos sentir la intensidad y tensión de las experiencias del pasado, mientras contemplamos las huellas que el recuerdo y la nostalgia han dejado en nuestras almas. La pasión, el asombro, la primicia, el sacrificio, la fe son algunas de las vivencias que se ocultan detrás de lo cotidiano y lo común. Según nos cuentan las autoras de las crónicas, la Navidad resulta ser un momento especialmente cargado de emoción, por llenarnos de esperanzas y resoluciones para el futuro, por dejarnos vivir la maravilla del encuentro y de la comunión. Padres, amigos, hermanos y hermanas o bien desconocidos que encontramos casualmente nos recuerdan que el misterio de la vida se nos revela en las experiencias que compartimos con los demás a diario. “Las Saudades de Ireneia” – título que remite al breve texto de António Lobo Antunes –, en su multitud de variantes, ofrece otras tantas ocasiones para explorar el amor, la ausencia, la melancolía por nuestras madres, hermanas, abuelas, amigas y amadas, mujeres que nos protegen, nos quieren, nos fascinan y, a veces, nos abandonan, o a las que simplemente perdemos, porque la vida es así.

Bajo la atenta y dedicada coordinación de la profesora Sónia Dias Mendes, las alumnas de filología portuguesa de la Universidad de Bucarest nos relatan momentos de su existencia que nos llenan de ilusión, inquietud, cariño, que nos hacen partícipes de su progreso personal y de la multitud de posibilidades que nos depara a todos la vida.

MELANIA STANCU
Professora Universitária e Tradutora de Espanhol

ALEXANDRA NICHITA

SEXTA-FEIRA NEGRA

Falta apenas um dia para a Sexta-Feira Negra, o dia por que esperamos o ano todo. Começámos os preparativos para o dia de amanhã há muito tempo. Enchemos o tanque do carro para conseguir ir a todas as lojas, colocámos dinheiro em ambos os cartões bancários para encomendas online, verificámos e comparámos os preços e fizemos uma lista de todas as coisas que queremos comprar.

O meu marido e eu estabelecemos que para a casa precisamos de um aspirador, de um micro-ondas, pois o nosso já está velho, de um ferro a vapor, porque o outro que a mãe nos deu demora uma eternidade para engomar as camisas do meu marido, de um plasma, pois a nossa televisão já tem um ano, e de uma cadeira de massagem, (não temos lugar para a colocar, mas lá o encontraremos). Além das coisas para a casa, cada um de nós precisa de objetos pessoais, um alisador de cabelo, uma lâmina elétrica, roupa íntima, roupas de inverno, novos jogos de vídeo e roupas e brinquedos para as crianças. Tudo é verificado e confirmado. Para que tudo corra bem e para que o dia de saldos seja produtivo, mandei a Madalena, a nossa filha mais velha, para uma amiga, e a Carolina, a mais nova, levámo-la aos avós.

Agora somos só nós os dois com os laptops nos braços, esperando em silêncio no sofá, o grande momento, a meia-noite. 1,2,3 começa a Black Friday, ambos digitamos nervos nas pequenas máquinas, eu acedo ao site da Flanco e o meu marido ao da Emag. Adiciono ao carrinho de compras o alisador de cabelo, o ferro a vapor e outros aparelhos eletrónicos e em breve o site cai. Começo a gritar: “Caiu o site, tu conseguiste algo?”. O João não me ouviu, agito-o pelos ombros, estou a tentar, mulher, é muito lento, entraram muitas pessoas no site. Começou a revirar os olhos, o que está a acontecer com toda a gente agora? Alguns até precisam destes saldos. Tento também em outras lojas online, e o problema persiste.

Desistimos e vamos dormir, mas não antes de pôr o despertador a tocar cedo para chegar às lojas o mais rapidamente possível.

No dia seguinte vestimo-nos o mais depressa que conseguimos, saltamos o pequeno-almoço e vamos para as lojas. O João deixa-me no centro comercial, ou labirinto-horror como ele o chama, e vai para a Altex.

Mais dez minutos e o centro comercial abre. Não vai acreditar, diante de mim está uma fila imensa de pessoas que dão cotoveladas e que se empurram. Não posso crer nesta loucura.

Vou para trás da fila e espero impacientemente até que me apercebo de duas mulheres à minha frente a discutirem: “Cheguei aqui antes de si, como se atreve a pôr-se

à minha frente? Todos nós queremos entrar!", diz a primeira. "Você é louca, eu estou à espera há 20 minutos, acalme-se!", responde a segunda. (Se eu soubesse, teria ido a outro centro comercial.).

O centro comercial finalmente abre e vou logo à Sephora, eu e outras vinte mulheres. Mal nos começamos a mover, lado a lado, os vendedores ficam logo aterrorizados. Na maior pressa, coloco no carrinho de compras tudo o que encontro com preço reduzido, mais ou menos útil, perfumes de homem, de mulher, cremes, ou gordura como lhes chama o meu marido, uma paleta de maquilhagem demasiado colorida para mim, mas a metade de preço, e máscaras faciais para um rosto dez vezes mais jovem.

Entro em todas as lojas de roupa e, de repente, ouço o telemóvel tocar. Depois de cinco minutos de luta com os sacos de compras, encontro o brinquedo barulhento (claro que era o meu marido). Rita, já comprei o aspirador e o ferro a vapor, mas o stock de micro-ondas e plasmas está esgotado. Era mesmo disto que eu precisava agora! "Então vai para a Flanco ou para a Domo, lá tens que encontrar!", disse-lhe e desliguei nervosa o telemóvel.

Continuo a fazer as compras, roupas para mim, para as crianças, uma boneca Barbie para a Madalena e uma pulseira Pandora para a Carolina, achei-a bonita. Enquanto estava na fila da caixa registadora, pareceu-me ouvir uma cliente dizer que não eram saldos e que na semana passada estas pulseiras tinham o mesmo preço. Que estúpida, claro que estão em promoção, Black Friday é o maior dia de saldos do ano. (Sim, e o Pai Natal existe.). Ignoro-a e continuo as minhas compras.

Depois de um dia de compras, ambos estamos felizes, comprámos tudo o que queríamos. Chegados a casa, observo que nos esquecemos da cadeira de massagem. Deixa isso, disse o João, esquecemo-nos de ir buscar as meninas!

ALEXANDRA NICHITA

SAUDADES DE IRENEIA

O que é a saudade? É aquela sensação que invade o teu corpo e a tua mente nos momentos mais inesperados e que te impede de realizares as tuas atividades diárias, que te faz contar os segundos até encontrares e veres de novo a razão das tuas saudades.

E o que é que causa as saudades? Uma pessoa, um lugar, um objeto? Se olhares para todos os momentos saudosos, verás que estão relacionados com algo que te causa prazer, felicidade, boas lembranças, paz de espírito... e dor.

Eu senti esse tipo de saudade quando me aventurava nos lugares desconhecidos em busca de emoções fortes. Não acreditava em amor à primeira vista ou em outros disparates deste tipo e ainda continuo a não acreditar, mas acreditava em atração à primeira vista. E isto acontece-me frequentemente com muitas raparigas.

Mas, como estava a dizer, encontrei o motivo das minhas saudades em Portugal. Eu, um jovem estudante estrangeiro em Lisboa, estava preparado para participar em todas as atividades dedicadas aos alunos e para conhecer o maior número de pessoas no Bairro Alto. Encontrei a minha saudade por acaso, numa festa com uma temática relacionada com o chocolate, se bem me lembro.

Ela tinha parado para me perguntar onde ficava a casa de banho e eu, impressionado com a sua pequena estatura – os olhos grandes de boneca, as bochechas redondas e cobertas de chocolate –, fiquei calado e estendi-lhe a mão para me apresentar.

Vendo em perspetiva, o que me fascinou nela não foi o seu aspeto frágil ou a sua beleza, mas a sua resposta ao meu gesto (Perguntei-te onde é a casa de banho, não o teu nome.). Um contraste total, pois se a delicadeza do seu rosto indicava um carácter amigável, a sua atitude indicava o contrário. Perdi qualquer habilidade de flertar e limitei-me a responder à sua pergunta. Agradeceu-me e deixou-me com as palavras no ar. Para mim, ela tornou-se no mistério da noite e fiz tudo quanto me era possível para falar com ela. Consegui descobrir o seu nome – Ireneia –, dancei com ela e acompanhei-a à paragem de autocarro. Queria acreditar que havia sido o meu charme que a fez aceitar a minha companhia, mas dentro de mim sabia que tinha sido o facto de estar sozinha na festa e de estar aborrecida.

A partir daquela noite, comecei a procurá-la em todas as festas e, de alguma forma, conseguia encontrá-la sempre no Bairro. Esta rapariga, Ireneia, era tão teimosa e tão difícil que todos os progressos que fazia desapareciam no dia seguinte.

Considerava-me arrogante e resistia a todos os meus avanços, mas conseguia fazê-la rir. Ela era imprevisível, uma tormenta, e a nossa relação não tinha nome. Houve

momentos em que nos víamos todos os dias e a minha alma saltava de alegria, mas também houve tempos em que não nos víamos durante semanas.

Não era uma relação baseada no prazer corporal, mas no prazer da alma. Dizia-lhe sempre o quão bela ela era, mas não acreditava na minha honestidade e eu sentia que não conseguia chegar a lado nenhum com esta relação.

Estava consciente de que cuidava de mim, sentia-se alegre por me ver, mesmo que nem sempre o mostrasse, preocupava-se com os meus problemas, perguntava-me sobre a minha vida antes de chegar a Portugal, dava-me conselhos e, ainda assim, sentia uma distância entre nós. Ela era muito cautelosa, como se algo a tivesse feito sofrer no passado.

Por isso, estava feliz com o pouco que ela me oferecia e que para mim era tudo. Tinha descoberto nela um carácter sensível, uma boa alma, uma beleza física e um interior incomparável e, ao lado dela, tinha conseguido ser uma versão melhor de mim próprio.

Assim se passaram quatro meses ao lado da Ireneia, que, no fim da minha estadia lá, fez algo que não tinha feito antes, abriu-se comigo, revelando-me os seus sentimentos. Dizer que estava frustrado e exaltado ao mesmo tempo é pouco. Porquê confessar-me os seus sentimentos agora? Nunca recebi uma resposta a essa pergunta, ela disse-me que não gostava de perguntas e insistir teria sido em vão. Ela desejou-me uma vida feliz, removendo qualquer esperança de a rever e dizendo que não havia uma solução para nós. Não tentei fazê-la mudar de ideias, eu já estava quase com o pé no avião e ela voltaria para o Brasil em breve.

Não falei com ela desde então, ela tinha-me bloqueado em todas as redes sociais e eu sofria bastante. Sentia que as saudades aumentavam todos os dias, contava aos meus amigos todos os momentos passados ao lado dela e isso era o meu conforto.

Queria dizer-lhe que a tinha valorizado e que me havia ensinado muitas coisas. Não sei se ela aprendeu algo comigo, mas ela ensinou-me o que é a compaixão, a não guardar rancor, a rir de qualquer jeito e em qualquer lugar, a não me importar com o que os outros acham e a estar sempre confiante nas minhas próprias forças. Agora que penso nisso, é irónico como uma pessoa tão insegura e vulnerável como a Ireneia me conseguia encorajar a ser mais confiante e a acreditar que consigo realizar tudo o que eu quisesse.

Só por esta amálgama de contradições e emoções, irei sempre ter saudades da Ireneia e desejo que encontres uma Ireneia como a minha, que mude a tua perceção sobre a vida.

ANA-MARIA MANEA

DO YOU SPEAK ENGLISH?

No verão passado fui pela primeira vez sozinha de avião a um país estrangeiro, uma experiência que não esquecerei por um longo tempo. Não posso afirmar que já tivesse voado com o monstro do céu muitas vezes antes, porque me tinha deslocado neste apenas uma vez e acompanhada, portanto, não acho que isso me dê o direito de me considerar uma cliente fiel de qualquer companhia de aviação.

Toda esta aventura começou quando decidi visitar a minha melhor amiga, que se encontrava a estudar em Portugal naquele momento (pois, que tipo de amizade seria essa se ficássemos longe uma da outra só porque ela estava à distância de um par de países?). Eu e ela estudamos português na faculdade, e esta doce amiga foi de Erasmus estudar um semestre naquele país. Estar em Portugal uma semana era, por isso, não só uma ótima forma de matarmos saudades como também uma boa oportunidade para praticar esta língua – aliás, queria, durante esta visita, conversar o máximo possível com os portugueses, em português, claro.

Fiz as minhas malas uma semana antes e todos os dias lhes adicionava algo novo (a minha avó sempre me aconselhou a estar preparada para qualquer eventualidade). Vocês nunca sabem quando precisam do fato de banho ou de um casaco e, por isso, devem ter ambos porque, assim como a vovó dizia: é melhor estar preparado do que ter surpresas!

Os meus pais estavam muito entusiasmados por mim e desejaram-me boa viagem. A minha mãe disse que queria levar-me ao aeroporto de carro, pois tinha só uma filha e esta partia uma semana inteira para outro país e era a primeira vez que viajava sozinha de avião ... e já tinha saudades dela.

O voo foi francamente agradável, e eu desde que saí da máquina voadora, comecei a falar em português, pois isso era o que me tinha proposto, certo?

Embora estivesse a tentar falar a língua de Camões o tempo todo, havia momentos em que não entendia o que me diziam e me perguntavam:

– Do you speak English?

Ao ouvir esta pergunta, com muita dificuldade, aceitava aquela imensa ofensa da pessoa insensível em causa e acabava por responder:

– Of course!

Acabei deste modo por apenas falar inglês, como tinha planeado. Enfim, estou a ser irónica, claro.

Depois de tais situações, costumava comer sempre um pastel de nata, como consolo, dizia a mim mesma. Pois quem melhor para nos consolar do que essas verdadeiras delícias?

Se vocês se estão a perguntar se consegui concretizar o que me propus, pensem que depois de uma semana, quando voltei de Portugal, tinha engordado três quilos (é difícil contar calorias quando tentamos aprender uma língua estrangeira). Esse é o consolo... – ou a punição!

ANA-MARIA MANEA

SAUDADES DE IRENEIA

Como te posso reencontrar, Ireneia?

Tenho saudades tuas...

Onde estás, menina que desejava continuar a brincar com as bonecas quando crescesse, porque achavas que aos adultos tudo era permitido?

Onde te escondeste, espírito cheio de curiosidade e ansioso por descobrir o que torna todos os adultos sábios?

Lembro-me daquele tempo em que a mãe te mandava ler um livro ou descansar um pouco e tu, alma ingénua, lhe perguntavas se a tinhas chateado com algo, pois aquela demanda parecia-te o castigo mais terrível do mundo. Aquela criança que não conseguia entender que os bibelots não são brinquedos e que não podia brincar com eles. Aquela que quando um dos bibelots se partiu e a avó a proibiu de brincar com eles, chorou todo o dia por causa desta tragédia, porque acreditava que os bibelots também se sentem solitários e precisam de um amigo para brincar com eles.

Onde estás, coração cândido, miúda cheia de sonhos? Os teus olhos conseguiam abranger toda a magia do mundo. Quando olhavas para as nuvens no céu, para os outros eram apenas algumas nuvens espalhadas, mas, aos teus olhos, elas tomavam diferentes formas e sonhavas viver em cima delas.

O Natal era o teu feriado favorito, e o Pai Natal era o teu melhor amigo, a quem escrevias com prazer todos os anos. Dizias que o mês de dezembro era o mês da magia verdadeira, porque o espírito dos feriados faz as pessoas melhores.

Mas crescestes, e as exigências e as expectativas da vida adulta transformaram-se num véu sobre os teus olhos e o teu coração, perdendo-se a magia.

Agora chamo-me Iren, porque é um nome mais chique, e já não tenho vontade de brincar com as bonecas, e os adultos não parecem sábios.

Há muito tempo, o pó caiu sobre os bibelots, e agora vejo só o que são verdadeiramente: simples objetos decorativos.

Agora olho muito raramente para o céu, e as nuvens já não têm nada de especial, pois descobri que não é possível viver em cima delas.

O Natal chega e desejaria que a magia desta época enchesse novamente a minha alma e pudesse desfrutar do espírito dos feriados como fazia quando era pequena. Acho que o teu melhor amigo se esqueceu de mim, porque já não recebo nenhuma carta dele...

Sinto a falta de ser Ireneia, aquela cujo nome foi escolhido com tanto amor da minha mãe e que representava a inocência e a felicidade da infância.

ANCA PETRACHE

RESOLUÇÕES DE ANO NOVO

Era o primeiro dia de dezembro. Estávamos naquela época do ano em que todos pensam em duas coisas: no Natal e em como se tornar melhores pessoas no ano seguinte. A minha amiga, a Maria, estava na mesma situação: disse-me que ia tentar comer mais saudavelmente, porque achava que estava a ganhar peso. Evidentemente, tinha de esperar até ao ano novo, porque agora são as férias e não se pode dizer não à comida tradicional. Conhece este tipo de pessoa, não conhece?

Nunca entendi estas coisas – resoluções de ano novo. Se deseja fazer algo, faça-o agora! E, em todo o caso, ninguém respeita realmente estes objetivos, nem a minha querida amiga, que “ganhava cinco quilogramas durante as férias”.

Depois do réveillon, a Maria estava determinada: telefonei-lhe para lhe perguntar se queria ir ao novo restaurante de hambúrgueres na cidade. Disse-me que não, porque os hambúrgueres contêm muita gordura. “Mas sabes que podes comer algo gorduroso de vez em quando, não sabes?”, disse eu, “e também é importante seres ativa e praticares desporto”. Não há tempo para praticar desporto. Tivemos esta conversa no segundo dia de janeiro.

No fim de fevereiro, o tempo estava a começar a ficar mais quente, então perguntei à Maria se queria fazer um piquenique no parque com comida caseira. Ela aceitou, mas com a condição de trazer a sua própria refeição. Não era um problema para mim, então aceitei. Quando chegámos ao parque e vi a comida dela, fiquei surpreendida: uma salada estranha que tinha pelo menos dez tons de verde, uma substância que funcionava como substituição de carne, iogurte sem gordura e alguma fruta. Comida para atletas, pensei. Eu, pelo contrário, levei sanduíches e diferentes tipos de bolo. Perguntei-lhe se queria algo e ela disse-me que não, porque não queria comer aquelas bombas calóricas. Comecei a pensar que esta rapariga não estava a brincar com esta resolução. Seria possível que a Maria fosse a primeira pessoa a respeitar a sua decisão de ano novo? Disse-me que já tinha perdido os quilos que tinha ganhado durante o Natal.

No primeiro dia de abril, a Maria e eu decidimos fazer um outro piquenique. Desta vez, ela não levou a sua comida saudável, queria ter um dia no qual pudesse comer tudo o que lhe apetecesse. Então partilhei a minha refeição com ela e nunca a vi comer tão rapidamente e em tão grande quantidade. Aquele foi o momento em que soube que a sua resolução não ia sobreviver e tive razão. Em julho, ela pesava mais dez quilos do que em fevereiro.

Acho que este tipo de pensamento “vou fazer x coisa a partir do próximo ano/ da próxima semana/ amanhã, etc.” não é produtivo. Se desejar fazer uma mudança na sua

vida, é melhor fazê-la naquele momento e não esperar até um momento no futuro. Mas, o mais importante, na minha opinião, é fazer a mudança de uma maneira inteligente. O maior erro da Maria foi que, em vez de tentar viver saudavelmente, estava simplesmente a morrer de fome.

ANCA PETRACHE

SAUDADES DE IRENEIA

A estrada empoeirada não mudou nos últimos anos. A loja do mestre João ainda tem a janela rachada. A casa da minha infância ficou inalterada, tem a mesma cor azul que tinha antes de eu nascer. A única coisa que parece diferente para mim é o riso das crianças, a voz da dona Maria, o som de sapatos no chão – a presença humana – ou a sua ausência. Quando era criança, as ruas da vila Ireneia estavam sempre animadas, com meninos e meninas a brincarem, mulheres a falarem sobre tudo e sobre nada, alunos a voltarem para casa da escola.

Ireneia foi sempre uma vila pequenina, desconhecida, onde todo o mundo conhecia todo o mundo. Para mim, esta é a razão pela qual saí de lá. Precisava duma mudança, nunca gostei da ideia de estar presa a um único lugar, com as mesmas pessoas. Queria morar numa cidade grande, onde dificilmente se vê a mesma cara duas vezes, por isso agora vivo em Londres, Inglaterra. Mas algo me faz voltar aqui, a Ireneia, pela primeira vez em muito tempo. Apesar de gostar das ruas congestionadas de Londres, há algo neste pequeno paraíso que é impossível encontrar em qualquer outro lugar – a unidade da sociedade, como alguém que se sente bem-vindo a qualquer momento.

Andando pelas ruas onde costumava brincar com os meus amigos, dei-me conta de que, hoje em dia, Ireneia já não é a vila de que eu me lembrava. Já nenhuma criança se ri na rua com os outros miúdos, já nenhuma mulher está sentada ao portão à espera que as outras se juntem a ela. Mas qual é o motivo? É por causa da tecnologia? É porque mais pessoas tiveram o mesmo sentimento que eu tive e decidiram sair? É difícil imaginar isso, porque toda a gente parecia contente com a vida na nossa vila. Talvez fosse uma ilusão na qual eu mais jovem e mais ingénua acreditava sem razão. O que aconteceu com os outros? Vivem em Lisboa? No Porto? Em Coimbra? Na Suécia? É tão fácil entrarmos em contacto com outras pessoas hoje em dia, mas nunca o fiz. Estou certa que conhece o sentimento. É uma sensação estranha, sinto muito tristeza, mas ao mesmo tempo acho que sempre pensei que se alguém quisesse falar comigo, podia telefonar ou escrever uma carta.

Estou com saudades de Ireneia – saudades da minha infância, saudades de tempos simples, de pessoas com sorrisos quentes. Não sinto saudades do lugar – porque acho que a vila vai ficar assim para sempre –, mas da gentileza que poderia sentir no ar de Ireneia, que agora é apenas uma memória distante.

CRISTINA SURDU

O PEQUENO INÍCIO DE UMA GRANDE VIAGEM

Qualquer pessoa que me conhece sabe que a minha maior paixão é a fotografia. Costumo tirar fotos dos transeuntes, dos elementos da natureza – porque amo tanto este milagre divino –, mas juntar imagens descritivas das minhas viagens, isso é algo que poderia fazer toda a vida. Nada se compara aos cantos ensolarados de uma rua num dia de junho ou aos turistas felizes e às suas caras cheias de entusiasmo. Talvez, neste momento, o leitor se pergunte: qual é a mensagem desta crónica? Mas a sua pergunta vai receber uma resposta no fim, depois de lhe transmitir os meus pensamentos.

Tenho de lhe contar uma das mais maravilhosas experiências da minha vida e, ao mesmo tempo, como descobri que gosto tanto deste tipo de arte visual. Esta aventura aconteceu há oito anos: 12 junho, um dia muito quente de verão, não tenho nada para fazer, nenhum plano. Recebo uma chamada da Ana, que quer ver-me: Vamos beber um café, pois não trabalho amanhã e estou com saudades tuas. Decidimos ir ao nosso café preferido, Topsy. Estava muito contente, a pensar em ver a Ana e falar com ela sobre todas as coisas do mundo, como sempre fazemos.

No caminho, vi uma mulher que tinha um anúncio sobre viagens e muitas pessoas à sua volta. “Vai adorar Portugal”, disse ela, “não perca esta oferta!”. “Pode dar-me mais informações?” perguntei. Ela disse-me que havia um número de telefone para o qual podia ligar para obter todas as informações e depois fui-me embora para não me atrasar.

Encontrei-me com a Ana, que estava muito feliz por me ver, e contou-me tudo o que tinha feito nos últimos tempos. Estava muito preocupada por não ter nenhum plano para o aniversário dela, 25 de junho. Pensei na oferta daquela mulher, mas não disse nada à Ana, pois poderia ser uma surpresa muito bonita para o aniversário dela.

Depois de um encontro maravilhoso com a minha amiga, cheguei a casa e liguei para aquele número muito entusiasmada. Aquela mulher trabalhava numa empresa de turismo e a oferta era real, o preço muito baixo, portanto um city-break incrível no Algarve. Estabeleci tudo, restava apenas dizer à Ana. Mas isso apenas um dia antes do aniversário.

24 de junho. De manhã, ligo à Ana para lhe contar o meu plano: faz a tua mala, pois amanhã vamos juntas numa aventura. Dito e feito.

Os pais da Ana ofereceram-lhe como prenda uma câmara fotográfica que ela levou com ela na nossa viagem. Foi assim que tudo começou. As praias, as cores do Algarve com aquele azul esplêndido. Meu Deus, fiquei estonteada! Tirava fotos desses milagres naturais com o meu telemóvel para poder ficar com muitas lembranças. A Ana estava também extremamente contente, sorrindo em todos os momentos: é o melhor presente do mundo, Cris! Ela reparou que eu tirava tantas fotos, que se ofereceu para me emprestar a sua

câmera durante a nossa viagem. Durante dois dias, não consegui tirar este aparelho digital da mão, simplesmente apaixonei-me pela fotografia e pelo Algarve nessa viagem. A sua objetiva fotográfica não deixou passar em branco nenhuma dessas paisagens incríveis.

O descobrimento das maiores paixões da vida acontece quando menos esperamos. O mundo tem tantas coisas para nos oferecer: o céu limpo, o Atlântico, os animais, a mão delicada da nossa mãe, um estrangeiro atrasado, um pôr do sol no verão, o sorriso de um amigo. Eu decidi surpreender todas essas belezas nas minhas fotografias. Assim tudo permanece jovem, inalterado.

CRISTINA SURDU

SAUDADES DE IRENEIA

Mesmo que tenha nascido em janeiro, nunca gostarei do inverno. Estou habituado ao frio, tive tempo para me acostumar, não se trata disso. Mas a minha disposição muda e torno-me num nostálgico sem remédio. Contudo, o leitor conhece, acho eu, este tipo de estado emocional provocado por esta estação fria. Talvez também você se encontre à espera do metro numa manhã fria de segunda-feira para ir para o trabalho, como eu.

Enquanto verifico quando deve chegar este transporte urbano, ouço à minha direita um jovem muito alto, conversando por telefone com um amigo. Dez minutos depois, o metro finalmente aparece, entro e o homem senta-se perto de mim.

(– Sim, fui a uma festa com a Ireneia no fim de semana... – Não, de facto acho que não vou sair mais com ela, porque me parece um pouco chata. Mas conheci uma miúda ontem num bar e acho que vou conseguir passar sexta à noite com esta ruiva encantadora, em vez da Ireneia.)

Esta conversa mudou completamente o meu dia. Nunca fiz parte daquele tipo de homens que se apaixona três vezes por mês. Talvez a minha personalidade seja a razão, porque nunca consegui tolerar aqueles ‘don juans’ que têm uma mulher diferente todas as semanas. Às vezes, pergunto-me se não se trata de uma frustração escondida, se calhar eu também seria como eles, ou, pelo menos tentaria, mas o meu trabalho é extenuante (estou à procura de outro para me permitir o luxo de vaguear pelas ruas à noite com quem sabe que tipo de mulheres).

Os tempos mudam e também a sociedade e os seus pseudomodelos de ‘masculinidade’. Em vão, estou eu agora a pensar na possibilidade de me tornar num macho alfa. De facto, ao ouvir este jovem pronunciar o nome ‘Ireneia’, o meu coração parou por um momento.

(– Qual é a lógica? Já passaram oito meses.)

(Sim, foi ela, Ireneia, o amor da minha vida, quem decidiu a nossa separação há oito meses. Claro que não se trata da mesma Ireneia.)

O jovem saiu do metro e voltou à sua vida, às suas mulheres, à sua superficialidade.

(Esse nome nunca lhe vai produzir o mesmo impacto que sinto agora em mim.)

Estação: Campo Grande. Parece que a multidão não tem direção. Saio do metro e não percebo o que está a acontecer, há um aglomerado de pessoas. Talvez seja alguma manifestação, porque são todas levadas por uma gigantesca onda de rumores.

Esta azáfama mostra que se trata de uma manhã de segunda-feira. À minha frente, uma loira com cabelo curto e roupas coloridas anda a passos largos. Decido segui-la por

uns instantes, pois acho que há uma possibilidade de que ela seja a Ireneia. Ela também costumava vestir roupas assim, 'hippie', e o cabelo é muito parecido.

(– O que vou fazer agora? Como falar com ela quando sinto que nem sequer seria capaz de a olhar nos olhos?)

O meu coração bate mais forte a cada passo que dou e estou quase a entrar em pânico por causa deste nervosismo. Esta situação mostra-me que ainda tenho sentimentos por esta mulher. Mas a menina volta-se para mim por um momento, porque quer tirar algo da carteira, e a minha ilusão desaparece. Teria sido um milagre ver a Ireneia depois deste tempo todo. Ainda estou apaixonado por ela, ainda penso no nosso passado e ainda tenho uma foto dela na minha carteira.

(– Quem me dera poder encontrar-me contigo agora e ver mais uma vez os teus olhos verdes!)

Olho para o relógio, bem como para o mapa do metro, confuso. Na verdade, esta não é a estação onde devia sair, nem esta é uma manhã muito afortunada, porque não tive a oportunidade de te ver... tudo acontece na minha cabeça, porque, na verdade, nem sei se tu ainda vives na mesma cidade. Parece que os nossos caminhos não se vão cruzar e que a nossa história acabou para sempre.

(– Não consigo concentrar-me, estou a pensar demasiadamente em ti. Espero ter força para sobreviver a este dia de trabalho.)

DIANA PAȘCU

O HERÓI

Eu sempre soube que os animais são os melhores amigos do homem, sempre soube que os animais têm, regra geral, uma alma mais bonita do que os humanos e que eles amarão incondicionalmente as pessoas. Tive ainda mais certeza disso quando tive o meu primeiro cão. O nome dele era Bobi. Era um maravilhoso Golden Retriever (talvez porque fosse meu, mas, para mim, era o mais bonito de todos).

O meu irmão e eu pedíamos aos nossos pais que nos deixassem ter um cão, mas eles estavam céticos, diziam que nós não cuidaríamos bem de um animal ou que teríamos problemas com ele. Quando finalmente aceitaram e o Bobi apareceu, as nossas vidas mudaram definitivamente.

Eu senti desde o primeiro momento que era um cão especial. Ele passava todo o dia connosco, era muito cuidadoso com todos os passos que dávamos, aprendeu muitos truques, a trazer-nos coisas de que precisávamos e até mesmo a levar-nos um saco de compras. Ele era bom com qualquer pessoa, mas quando sentia a alma maligna de alguém, rapidamente ladrava. O Bobi era claramente o nosso melhor amigo. Ele levava o meu irmão à escola e regressava a casa sozinho, ia com ele para o parque e defendia-o dos meninos maus que queriam roubar o lanche ao meu irmão (embora ele não os mordesse, assustava-os e eles deixavam de atormentar o Alex, o meu irmão).

Uma vez, eu estava com o Bobi no parque. Eu estava com o meu telefone na mão e senti o Bobi ansioso. Pouco tempo depois, um homem passou ao meu lado, correndo, empurrou-me e roubou-me o telefone e a carteira. O Bobi estava preso com uma trela, mas escapou, galgando atrás daquele homem. Eu não tinha medo de que ele o mordesse, fiquei com medo, sim, quando vi que o homem se queria defender com uma faca.

A nossa sorte foi que uma equipa de polícias estava a passar e o Bobi manteve o ladrão preso até eles chegarem. Como o assaltante acabou por magoar o Bobi com a faca perto do pescoço, depois deste incidente, levei-o ao veterinário e ele recuperou-se rapidamente, porque era um cão forte. Mas a maior prova de bravura do Bobi foi...

Era noite. O meu irmão e eu estávamos na cama, estávamos a tentar a dormir e começámos-nos a sentir um pouco atordoados, mas sem entendermos porquê. Finalmente, adormecemos, mas por pouco tempo. Acordámos com um cheiro forte e, quando acendi a luz, vi uma grande nuvem de fumo. Até conseguirmos descobrir o que estava a acontecer, ouvi o Bobi ladrar como nunca tinha ouvido. O meu primeiro instinto foi ir ter com o Bobi, mas quando saí do quarto, vi todo o andar térreo da casa em chamas. Tornou-se cada vez mais difícil respirar. Fui ter com o meu irmão, abri a pequena janela do nosso quarto e gritei por ajuda. Nisto, vi o Bobi a puxar a minha mãe para fora de casa e o meu pai, com a roupa

queimada, a chamar-nos. Não pude fazer mais nada, porque desmaiei. Acordei já fora de casa com o Bobi a pular desesperado em cima de mim para ver se eu estava viva e quando abri os olhos, ele correu de volta para casa, que estava totalmente em chamas. Tentei impedi-lo, mas percebi que o meu irmão não estava connosco e que o Bobi voltara por ele. Naquele momento, parecia que o tempo tinha dilatado e que um segundo se tinha tornado uma eternidade. Os bombeiros começaram a apagar o fogo e viram como as paredes caíram e começámos a pensar no pior. Entretanto vimos o Bobi com todo o pelo em chamas, saindo de casa com o meu irmão, que ele havia protegido com o seu próprio corpo, e as bolas de fogo a caírem sobre o nosso querido cão, não sobre o Alex. Os médicos davam os primeiros socorros ao meu irmão e estabilizaram a sua condição, mas o Bobi teve ferimentos graves. Da única coisa que me lembro é que ele esperou para nos ver, eu dei-lhe um último abraço e ele adormeceu. Para sempre. O seu último olhar, quieto e orgulhoso, acompanha-me agora mesmo. Se não fosse esse pequeno corajoso, talvez não estivéssemos aqui agora. Ele sacrificou a sua vida por nós porque nós fomos toda a sua existência. Este é o maior gesto de heroísmo que conheço e é por isso que o Bobi foi e vai continuar a ser o nosso herói.

FLORENTINA MACAVEI

PARA SEMPRE NATAL

Era criança quando vieram à escola chamarem-nos para a Cidade das Crianças. Uma espécie de recanto com abetos, escondido entre o lixo do bairro. O secretário do partido e o polícia municipal subiram ao palco. Com uma gravata vermelha com um nó grande, o Homem do Distrito (como tinha sido chamado pelo comité do condado do partido) estava diante de nós. Acho que foi em 1982. Você lembra-se? Vieram dizer-nos que o Pai Natal morreu... e que o Pai Gerila ficou no seu lugar. Um monstro de roupas azuis, como os uniformes da Segurança, descobriria eu mais tarde. Os mais pequenos começaram a chorar e correram para casa. Eu arrastei as minhas pernas através da chuva misturada com neve. A terra e o céu pareciam-me um cobertor cinza, como nunca tinha visto antes. A árvore de Natal tinha-se transformado numa árvore qualquer. As folhas pareciam secas e o cheiro de abeto tinha desaparecido por completo. Essa realidade era como um martelo que batia na minha cabeça sem parar.

“Não te preocupes, não é assim” – dizia-me a minha mãe tentando acalmar-me, mas era tarde demais. Uma tristeza terrível tinha-se apoderado da minha infância: O Pai Natal morrerá ...

Até que o meu pai veio. Ele escutou. O papá disse que era uma estupidez acreditar nisso. Depois pegou no ícone do Nascimento do Filho da parede. Ele disse-me, como ele podia, o que estava a acontecer lá, na imagem. Mas, ao ver que não me convencia, o papai começou a cantar as janeiras. Alto, alto, cantava o tenor perfeito. Em poucos minutos alguém bateu à porta. Que não seja o secretário do partido outra vez... E não era. Era um vizinho jovem que estava a pedir ao papai se se podia juntar a nós. O homem era o barítono. Estávamos na véspera de Natal e havia no ar um certo mistério, caso contrário, eu não posso explicar como os vizinhos todos, logo de seguida, se reuniram no mais valente coro que alguma vez tinha ouvido. Todos juntos e sorrindo: eles iam ouvir! Um coro de anjos. E depois? O que você acha? Não vai acreditar. Vi o polícia municipal a cantar, e até mesmo o tipo do Distrito, que, tinha-me esquecido, vivia no mesmo prédio. Os seus olhos pediam desculpas. Uma espécie de perdão flutuava sobre todos nós – com sabor de bolo.

O meu pai pegou outra vez no ícone, sorriu e começou a cantar: “O Teu nascimento, Cristo, nosso Deus”... Eu não podia acreditar. Não sabia nesse momento que o meu pai, um órfão, havia crescido perto da Igreja de São Nicolau de Șcheii Brașov e, para ele, não havia negociação sobre Deus. Desde então, eu amei-o consciente e eternamente. Até então, tive a sensação de que só estava a desempenhar o papel do pai. Foi mesmo nesse momento que se havia tornado pai. Essa transformação fez o Pai Natal vivo.

No dia seguinte, mal abri os olhos, um monte de livros-presentes provou que o Pai Natal esteve lá. Ele é um bom amigo de Deus, já que me trouxe os livros que tinha visto dois dias antes na livraria.

Na escola, descobri que ninguém estava triste. Os nossos pais ressuscitaram o Pai Natal com o seu amor. E ensinaram-nos, na escuridão e no frio dos apartamentos, entre as interrupções de energia e as filas para comprar água mineral ou pão, que não havia Natal sem Cristo. Foi o ano mais importante da minha vida. O ano em que me tornei amigo de Cristo e compreendi que o Pai Natal não morre, que Cristo não o deixa.

Lembro-me que quando os meus colegas mais velhos me perguntaram quem é este Pai Natal que se recusa a morrer, fiquei em silêncio, sabendo a resposta. É qualquer pai que se tornou amigo de Cristo. E qualquer mãe que não deixe o Natal morrer.

FLORENTINA MACAVEI

SAUDADES DE IRENEIA

Com o passar do tempo, começamos a pensar mais e mais no passado, nos bons tempos, em tudo o que significava para nós a infância e, às vezes, muito raramente, conseguimos revivê-la através de um perfume ou mesmo de uma canção, conseguimos experienciar novamente um breve momento da nossa vida. Diga-me que nunca lhe aconteceu.

No outro dia, estava eu no autocarro a voltar para casa e, numa das paragens, entrou uma velha senhora carregada com dois sacos cheios de maçãs. Ofereci-lhe o meu assento e ela imediatamente começou a contar-me tudo sobre as suas netas: a vovó estava com pressa para chegar a casa e preparar a sobremesa favorita delas, torta de maçã. Olhando para a velhota, observei a chama nos seus olhos quando falava das suas netas e, de repente, senti o cheiro de maçã com canela da torta que a minha avó me fazia sempre que eu lhe pedia que cozinhasse para mim.

A minha avó, como provavelmente a sua, era a minha fada protetora, aquela que me contava histórias todas as noites antes de eu adormecer, que me cobria com a colcha mesmo nos verões mais quentes, que fazia uns bolos que nem imagina (alegria das papilas gustativas). Como é que eu conseguia comer tanto? Ela era aquela que estudava comigo e que curava as minhas constipações com remédios dos quais nunca tinha ouvido falar. A minha fada com poderes mágicos tinha sempre alguma na manga, umas poções mágicas, xaropes de cura e muitas outras coisas (você lembra-se da sua?). Mas, às vezes, tornava-se no pior medo das crianças atrás do prédio onde vivíamos, porque essa era a zona onde costumávamos brincar. De repente, como uma bruxa vingativa, puxava a cabeça para fora da janela e repreendia todas as crianças que me perturbavam de alguma forma. Ela tinha realmente poderes mágicos.

É ótimo ser criado pelos avós. Não consigo perceber porque é que o tempo não tem paciência connosco. Já não temos tempo. E porque será? Parece que nos transformamos em robôs que estão sempre a correr de um lugar para o outro, que comprem alimentos meio cozinhados e que deixaram de prestar atenção às coisas realmente importantes. Os avós são postos de lado: os anciãos deixaram de ser levados em conta. Agora queremos educar os nossos filhos com o método Montessori, orientar as nossas vidas pelo caminho e pelas teorias formuladas por não sei que cientistas. Os nossos filhos não provam a torta de maçã da avó. Eles agora frequentam as aulas de robótica, jogam jogos eletrónicos ou apertam-se nos playgrounds para comerem bolos de plástico. Os nossos filhos não saberão. A razão desta desgraça é o nosso esquecimento. Esquecemos

tudo. Diga-me que não é assim? Esqueceu-se da avó, vovó, vizinha, vizita, vizona, mavó, mãe-avó, vó, a sua fada, o seu anjo da guarda.

Estou com saudades daqueles momentos, estou com saudades da magia da infância, estou com saudades de Ireneia.

OANA BUZEA

IMAGEM NO ESPELHO

Aconteceu-lhe alguma vez ficar ao lado dum desconhecido e ter a impressão de que o conhecia como a si próprio? A mim aconteceu. É, sem dúvida, um sentimento bem estranho, caro leitor. Bem estranho!

Lembro-me de que era a tarde de 24 de dezembro quando vi a Jasmin e disse para mim mesma: “– Que menina maravilhosa! Posso jurar que a conheço.” Entrou na Igreja e sentou-se, afastada, num canto, escondida dos olhos dos curiosos. Em seguida, ficou de joelhos. A florzinha de olhos verdes como as esmeraldas rezava. Parecia um anjo de cristal, sob a luz do sol. Uma fada nos seus raios. Era duma beleza fora de comum. Se o leitor pudesse vê-la... Tinha o cabelo comprido, louro e encaracolado, derramado nas suas costas pequeninas. Era magrinha. Tinha um rosto branco como a neve e uns olhos grandes e cheios de inocência. Tinha um perfume de flores colhidas numa manhã fresca de primavera. Numa manhã de abril. Ou um perfume de rosas do jardim da minha avó. O leitor pode construir na sua mente o retrato desta jovem? Às vezes pergunto-me se há magia e se algumas pessoas têm algo fantástico dentro, algo que as faz parecerem seres sobrenaturais, tal como parecia a criança que lhe descrevi, amável leitor.

Estava a olhar para ela com uma admiração viva. Era óbvio que a criança tinha atraído a minha atenção e que eu também tinha atraído a sua. Dirigiu-se para mim: Boa tarde, senhora de cabelo sedoso! Desatei a rir e disse boa tarde para ti também, fofinha! Perguntei-lhe como se chamava e quantos anos tinha. Com certeza que o leitor já conhece aquelas questões clássicas que as tias fazem aos seus sobrinheiros. Aposto que, por sua vez, o leitor fez e também respondeu a tais perguntas. Tenho razão? A maravilha loura respondeu-me que se chamava Jasmin, que tinha sete anos e que iria fazer oito anos daí a três dias. “Feliz aniversário!”, disse-lhe. Depois disso contou-me que era a criança mais nova da família. Que doçura! Ela era sociável e faladora. Contou-me porque tinha vindo à missa: queria rezar pela saúde do seu gatinho que estava doente. O desejo de o animal melhorar via-se no seu rosto, lia-se nos seus olhos tristes. Que alma inocente! Fiquei comovida ao ponto de me caírem lágrimas. Nem terminei de lhe desejar que o seu gatinho melhorasse, porque a mãe a chamou. Num segundo, a Jasmin pôs-se a correr para a progenitora, que esperava por ela de braços abertos. Da porta, ela acenou-me. Acenei-lhe também. Foi nesse mesmo momento que senti que conhecia essa menina, que entendia a sua tristeza melhor do que ninguém. Como podia sentir aquilo e porque aquele sentimento era tão vivo? Havia-me esquecido: eu também fui criança. Eu também corri para a igreja quando o meu cão ficou doente. O meu dalmata Benny. Que tragédia e quanto sofrimento! A perda do melhor amigo quadrúpede é um verdadeiro trauma para uma criança, o leitor

não crê? Agora dei-me conta: a Jasmin lembrou-me da minha infância maravilhosa, da criança ingénua que eu era. A Jasmin era o meu reflexo, a minha imagem no espelho!

Que pena que às vezes nos esquecemos da criança que fica dentro de nós, abandonada num canto, e que grita para fazer-se ouvida de novo!

OANA BUZEA

SAUDADES DE IRENEIA

Era uma tarde de verão. Ele estava sozinho na varanda, contemplando o mar, tal como fazem aqueles artistas sonhadores e melancólicos quando pensam no amor da sua vida. Acho que o leitor entende. Eu via da minha varanda como ele ficava de pé, imóvel, como uma estátua. A sua cara era tão grave que parecia de cera. Pensava nela, na Ireneia.

O leitor não conhece a Ireneia? Deixe-me apresentar-lha. Ela é a menina do elétrico 41, do que passa às 8:30 da manhã. O meu vizinho, esse anjo de cera, viu-a pela primeira vez numa terça-feira, quando ia para o trabalho. Os seus olhos azuis seduziram-no num instante. E desde então não consegue deixar de pensar nela. Todas as tardes, fica na varanda e olha perdido para o mar, cuja cor lhe lembra os olhos da Ireneia. Pode ser que o leitor tenha passado por tal situação ou pode ser que conheça alguém que tenha experienciado algo semelhante. Ou é possível que se esteja a lembrar de alguém que o tenha vivenciado neste mesmo momento em que está a ler a história do meu vizinho. Não é verdade? Mas voltemos à história do nosso romântico incurável e da sua amada. Ontem, dia 14 de novembro, não a viu. Ela não veio no elétrico 41. O príncipe de contos de fadas procurou-a em todo o elétrico, mas a jovem não estava lá. Essa tragédia entristeceu-o muito. Creio que o leitor sente também o sofrimento e a desilusão do meu vizinho. Eu também as sinto. É por isso que naquela tarde ele estava com cara de enterro. Sentia saudades. Não sei porquê, mas ela fazia-o feliz, tornava o seu dia melhor. E mesmo que nunca tivessem falado, eles tinham uma relação especial, comunicavam através dos olhos, das janelas da alma. É surpreendente como a simples presença de uma pessoa é suficiente para que nos sintamos felizes, completos. O leitor não acha?

O amor, a euforia mais doce do mundo, é complicado e incompreensível. É a paixão que consome aquele que a sente e que não a pode ter. Assim estava ele, via-o demolido por não ter visto a sua Ireneia, a Cinderela que desapareceu de repente. Mas hoje é um novo dia. Quem sabe?! Pode ser que ela apareça de novo. Ele está impaciente. Quer ir no elétrico 41. Quer vê-la, quer encontrá-la de novo, quer guardar a esperança de que a verá como de costume. Esse desejo intenso faz com que os seus olhos brilhem. A sua paixão por ela é óbvia.

Estava na paragem. Eu esperava pelo elétrico 24 quando o vi. Cumprimentou-me e subiu apressado para o elétrico 41. Nem bem pôs os pés no elétrico, vejo-o a sorrir (aparentemente) sem razão. Era ela. Era a Ireneia. A sua querida Ireneia. E agora quê?

ROBERTA PETROIAS

O DIA DE NATAL

Creio que todos nós pensamos que o Natal é a celebração mais bonita e importante do ano. A presença do Natal é sentida especialmente pelas crianças, porque elas esperam receber presentes. É disso que elas gostam. Acho que o leitor está de acordo comigo. Mas o Natal não é só sobre isso, é sobre família, paz, amor. Para mim, este ano é diferente – porque estou sozinha.

No primeiro dia do Natal, decidi fazer um passeio. A dada altura, encontrei um mendigo, ou pelo menos era o que eu pensava que fosse, e quis dar-lhe algum dinheiro. Ele disse que não precisava. Insisti, mas o pedinte disse-me mais uma vez para o guardar e que ele não queria dinheiro, ele só queria alguém para falar com ele, que se sentia sozinho. Estava triste: daria tudo para não se sentir assim. Como é possível isso? Nunca pensei que ele fosse dizer isso. Até me impressionou e pensei em fazer algo por ele.

A primeira vez pensei em dar-lhe um cão ou um gato. Achei que um animal era perfeito. Mas pensei melhor e decidi que ele devia ir comigo. Entrámos no carro e fomos para minha casa.

"É muito simpática, senhora. E muito diferente das outras pessoas.", disse o homem.

Chegámos. O homem gostou muito da minha casa: é muito linda! Comecei a preparar algo para comer, porque ele estava certamente com fome. Fiquei contente porque me tinha esquecido como era passar tempo com alguém. Toda esta aventura foi benéfica, porque aprendi muitas coisas. Depois, perguntei ao homem se me podia dizer alguma coisa sobre ele. Esta alma inocente mostrou-me que é uma boa pessoa, que deve ser apreciada. Disse-me que estava nas ruas porque a sua família não o queria mais. Foi muito triste ouvir essas coisas. Onde está a sua família? Porque não o querem? Ele só queria saber o verdadeiro significado do Natal.

No final, para o fazer feliz, dei-lhe uma flor que significa a nossa amizade. As suas pétalas eram muito coloridas e significam alegria, o que ele deveria sentir. Especialmente no Natal.

NOTA DA ORGANIZADORA

AS CRÓNICAS QUE SE ENCONTRAM COMPILADAS NESTA PUBLICAÇÃO FORAM ESCRITAS POR ESTUDANTES DE 3.º ANO DURANTE A FREQUÊNCIA DA DISCIPLINA ‘CRÓNICA LITERÁRIA: COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ESCRITAS’, LECIONADA PELA LEITORA CAMÕES BUCARESTE, PROF.^a DOUTORA SÓNIA DIAS MENDES, NO ANO LETIVO 2018/2019, NO ÂMBITO DA LICENCIATURA EM ESTUDOS PORTUGUESES NA FACULDADE DE LÍNGUAS E LITERATURAS ESTRANGEIRAS DA UNIVERSIDADE DE BUCARESTE (ROMÉLIA).

OS TEXTOS CONSTANTES NESTA COLETÂNEA INTITULADOS *SAUDADES DE IRENEIA* FORAM ESCRITOS A PARTIR DO TÍTULO DA CRÓNICA DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES:

“SAUDADES DE IRENEIA” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (1998). *LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

SÓNIA DIAS MENDES
Professora Universitária



ORGANIZAÇÃO
SÓNIA DIAS MENDES

PREFÁCIO
MELANIA STANCU

AUTORIA
ALEXANDRA NICHITA
ANA-MARIA MANEA
ANCA PETRACHE
CRISTINA SURDU
DIANA PAȘCU
FLORENTINA MACAVEI
OANA BUZEA
ROBERTA PETROIAȘ

com o apoio

 **CAMÕES**
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS